COLÓQUIO

“LER LACAN HOJE”

BOLETIM #02

COMISSÃO ORGANIZADORA: ANA LYDIA SANTIAGO, ANGELINA HARARI, FLÁVIA CÉRA, TERESINHA NATAL MEIRELLES DO PRADO

Escola Brasileira de Psicanálise

Este Boletim apresenta os fragmentos dos textos de Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller que serão comentados e trabalhados no Colóquio Ler Lacan hoje. As citações extraídas do livro *O Seminário, livro 15, o ato psicanalítico* de Lacan e do livro de Miller *A fábrica de psicanalistas* são nossos pontos comuns de leitura para desdobrarmos nos temas que cada um deles movimenta. O Boletim é também um convite para que os interessados possam percorrer esses fragmentos, suas linhas anteriores e posteriores, seus textos e contextos e tragam suas contribuições para o Colóquio que acontecerá dia 26 de novembro das 15h às 19h30, em Florianópolis, no CentroSul. As inscrições estão abertas.

Boa leitura!

Flávia Cêra

> "Se a posição do analista não se determina por nada além de um ato, ela só pode se registrar para ele como efeitos que são frutos do ato – para empregar a palavra "fruto", cuja ressonância com fruição lembrei da última vez. O que o analista registra de mais significativo como experiência não poderia ultrapassar essa virada de sua própria presença que acabo de indicar.
>
> É aí que se coloca a questão acerca do que é o ensino analítico. Quais seriam os meios para que possa ser recolhido o que, pelo processo desencadeado pelo ato analítico, é registrável como saber?"

LACAN, J. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p.60.

> "Quanto ao saber, é uma função imaginária, incontestavelmente uma idealização. É isso que torna delicada a posição do analista, que está no meio, ali onde o lugar do desejo é o vazio, o furo".

LACAN, J. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p. 73.

> "Não esqueçamos os primeiros passos que demos em torno da explicação do ato psicanalítico, a saber, que ele é essencialmente como que inscrito em um efeito de linguagem. (...) Como se organiza o efeito de linguagem em questão? Ele opera em dois níveis. Supõe a própria psicanálise como efeito de linguagem. Em outros termos, não é passível de ser minimamente definido se não incluindo o ato psicanalítico definido pela realização da própria psicanálise".

LACAN, J. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p. 141.

> "O psicanalista é, não digo ajuda, mas instrumento para que a tarefa psicanalisante opere. Ao final dela, o sujeito está, digamos, ad vertido acerca de sua divisão constitutiva, depois do que se abre para ele algo que não pode ser chamada de outra forma senão passagem ao ato — passagem ao ato, digamos, esclarecida, que ele sabe que em todo ato há algo que, como sujeito, lhe escapa, e que aí virá incidir. Não obstante permaneça para ele pelo menos velada, digamos por ora, a realização disso que ele tem, do ato, a cumprir como sendo sua própria realização".

LACAN, J. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p. 186.

"Para se localizar, para ter outra espécie de conhecimento que não esse conhecimento de ficção que é o seu e que o paralisa, convém que o analista — quando se questiona sobre um caso, quando faz sua anamnese, quando o prepara, quando começa a se aproximar dele e quando entra nele com a análise — pesquise onde já estava, ele, o analista, neste ou naquele momento e em determinado ponto da história do sujeito, da mesma forma que Velázquez está no quadro *As meninas*"

LACAN, J. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p. 234.

"Como você sabe que é um analista? É uma pergunta que o próprio Lacan se faz. Ele se pergunta sobre a relação da fundação de sua Escola com o ensino que não deixa sem garantia a decisão de seu ato. (...) [Ele] chega como um trabalhador, considerando que sua enunciação não é sem garantia. É sempre conjuntural, sempre no a posteriori, nachträglich, que isso encontra sua garantia."

MILLER, J.-A. "A Escola e seu psicanalista". Em: *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2025, p. 29-30.

"Eu fundo". (...) já encontramos nesse ato performativo da fundação, no enunciado "ato de fundação", a antecipação com o destaque incidindo sobre o ato. (...) Cada um de nós pode se fazer esta questão: estou sozinho ou não em minha relação com a causa analítica?"

MILLER, J.-A. "A Escola e seu psicanalista". Em: *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2025, p. 14-17.

"Por certo, o saber tem um furo, mas a própria formação está em tensão entre o que se ensina do saber que se acumulou da experiência e o essencial da formação, que é pôr o sujeito em relação com o que não se ensina"

MILLER, J.-A. "A 'formação' do analista". Em: *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2025, p. 71.

"O que se escuta é de fato o sentido, e o sentido convoca ao sentido. Toda psicoterapia se mantém nesse plano e sempre desemboca, em última instância, nisto: é o paciente que deve escutar, escutar o terapeuta. Em vez disso, devemos explorar o que é a psicanálise e o que ela pode no âmbito propriamente dito da leitura, quando se toma distância da semântica [...]"

MILLER, J.-A. "Ler um sintoma". Em: *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2025, p. 261.

"A leitura, o saber ler, consiste em separar a fala do sentido veiculado por ela, a partir da escrita como fora-do-sentido, como Anzeichen, como letra, ou seja, a partir de sua materialidade."

MILLER, J.-A. "Ler um sintoma". Em: *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2025, p.. 261.